



História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Ribeiro Mostaro, Filipe Fernandes; Helal, Ronaldo George; Amaro, Fausto
Futebol, nação e representações: a importância do estilo “futebol-arte” na construção da
identidade nacional

História Unisinos, vol. 19, núm. 3, septiembre-diciembre, 2015, pp. 272-282

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866787002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Futebol, nação e representações: a importância do estilo “futebol-arte” na construção da identidade nacional

Soccer, nation and representations: The importance of the “art soccer” style in the construction of national identity

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro¹

filipemostaro@hotmail.com

Ronaldo George Helal²

rhelal@globo.com

Fausto Amaro³

faustoarp@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, destacaremos a importância do futebol na construção da identidade nacional nos anos 1930. Nosso suposto estilo de jogo, o futebol-arte, foi construído em densas narrativas e cercado de disputas ideológicas de diferentes correntes sociais nos anos 1920 e 1930, que travavam um debate para definir uma nova ideologia e o que viria a ser a identidade nacional. Apresentaremos aqui o contexto que permitiu a abordagem da miscigenação como algo positivo, demarcando um importante momento da questão racial no Brasil, além de associar tal ideologia de maneira intensa com o futebol, principalmente durante a Copa do Mundo de 1938. Dentre os principais autores e ideias abordados neste artigo, estão, respectivamente, Gilberto Freyre e seu pensamento acerca da identidade nacional, e Serge Moscovici e sua contribuição aos estudos da representação social.

Palavras-chave: futebol, representações, nação.

Abstract: In this article, we will highlight the importance of soccer in the construction of Brazil's national identity in the 1930s. Our alleged style of play, “art soccer”, was built in dense narratives and surrounded by ideological disputes of different social currents in the 1920s and 1930s waging a debate to define a new ideology and what would be the national identity. We will present here the context that allowed the approach of miscegenation as something positive defining an important moment of the racial issue in Brazil, and to intensely associate such ideology with soccer, especially during the World Cup of 1938. Among the main authors and ideas discussed in this article are respectively Gilberto Freyre and his thinking about national identity and Serge Moscovici and his contribution to the study of social representation.

Keywords: soccer, representations, nation.

¹ Doutorando em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

² Pesquisador do CNPq. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

³ Doutorando em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Introdução

“Somos o país do futebol”. Esta afirmação é constantemente reproduzida pelos meios de comunicação e se tornou, ao longo dos anos, uma marca indelével de nossa cultura. Buscamos nesse artigo investigar o processo pelo qual essa crença foi construída e as inflexões na definição do nacional que ocorreram ao longo da década de 1930. Para isso, refletimos sobre o contexto que permitiu a abordagem da miscigenação como algo positivo, demarcando um importante momento da questão racial no Brasil, além da associação de tal ideologia com o futebol, principalmente durante a Copa do Mundo de 1938.

Em um primeiro momento, exploramos a ideia de Brasil como proposta, principalmente, por Gilberto Freyre. Discutimos o cenário brasileiro na década de 1910, com as disputas políticas envolvendo os Estados brasileiros, em especial Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. O futebol, a despeito dos embates que reproduziam as contendas políticas nacionais, conquistava crescente popularidade, devido, entre outras coisas, ao sucesso brasileiro nas competições sul-americanas.

Em seguida, exploramos as relações estabelecidas entre o futebol e mestiçagem por meio da investigação das disputas políticas em torno do profissionalismo e do amadorismo na liga carioca de futebol. A partir desse ponto de vista teórico, caminhamos em direção à análise da Copa do Mundo de Futebol de 1938. Nesse momento, nos debruçaremos sobre o material empírico, traçando conjecturas a partir dos marcos teóricos estabelecidos anteriormente.

A ideia de um “novo Brasil”

A fim de ilustrar nossas argumentações, apontaremos alguns momentos em que se pensou um novo Brasil. Segundo Ianni (1990, p. 19), foram três: durante a nossa Independência, em 1822; na proclamação da República, em 1889 (e os eventos que a precederam, como a abolição da escravidão); e nos anos 1930, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder⁴.

Indo um pouco mais além dos momentos indicados por Ianni, ressaltamos outros acontecimentos, todos em 1922, que indicavam um novo arranjo político, social e cultural que começava a ganhar força no Brasil: a Semana de Arte Moderna, o Movimento Tenentista, a Exposição

do Centenário da Independência, a criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e do Partido Comunista Brasileiro. No campo econômico, a industrialização crescente mudava o cenário das cidades, ao passo que a produção de café, ainda nosso principal produto de exportação, perderia, dentro de alguns anos, seu poder hegemônico. Mesmo assim, a chamada “modernidade” não atingia a todos. O sistema político dominante ainda privilegiava os donos de terras de São Paulo e Minas Gerais, que se revezavam no poder do governo federal. O momento era de uma iminente ruptura com antigas ideologias e correntes políticas. Mesmo que tardiamente, o Brasil começava a promover a industrialização, e o crescimento da população das cidades impunha novas acomodações sociais.

É possível comparar, com algumas ressalvas, este contexto histórico e cultural, vivido no Brasil nos anos 1920 e 1930, com a transição das sociedades feudais pré-modernas da Europa para as sociedades modernas. Conforme nos aponta Moscovici (2012), a Igreja e o Estado, que antes legitimavam e regulavam normas e padrões através do seu poder e das crenças, entraram em declínio com o surgimento das cidades e da burguesia industrial. Na Modernidade, ocorreu um aumento do número de pessoas alfabetizadas e com acesso à leitura de jornais e livros, promovendo novos processos de circulação de ideias que, consequentemente, levaram novos grupos sociais a se posicionarem e difundirem suas ideologias. Com este novo panorama mais heterogêneo da sociedade, eram necessárias novas formas de se legitimar o poder e difundir discursos formadores dessas novas classes sociais. É neste ponto que, segundo Moscovici (2012), as representações sociais ganham força. Elas surgem para suprir esta necessidade de legitimar novas ideologias, deixando de lado, por exemplo, a interferência “divina” do rei e dando espaço a uma dinâmica social mais complexa. O pesquisador nos sugere que as representações sociais foram criadas com intuito de tornar familiar o que não é familiar. Assim, ao acontecer uma forte ruptura com uma antiga ideologia, é necessário que o novo pensamento se torne familiar à sociedade e que se forme um “senso comum”⁵.

Para matizar o debate é importante trazer as observações pontuais de Muniz Sodré. Sodré afirma que, na “modernidade, a ilusão mística dá lugar à ilusão metafísica, que Karl Marx viria chamar de *ideologia*” (2009, p. 9, grifos do autor). Desse modo, a ideologia vai signi-

⁴ Apesar do autor não mencionar a Semana de Arte Moderna de 1922 como um momento em que se pensou um novo Brasil, indicamos este evento como importante embrião do pensamento que acabou florescendo durante o Estado Novo, nos anos 1930.

⁵ A ideia de senso comum será entendida neste trabalho de acordo com a seguinte definição de Sodré (2009, p. 45): “[...] senso comum é um nome para o conhecimento daquilo que os gregos chamavam de *doxa*, isto é uma experiência da realidade limitada à sensibilidade, às notas acidentais contingentes e variáveis, às representações sociais que reduzem a complexidade factual a imagens de fácil trânsito comunicacional – traduzidas em opinião”. Além disso, o senso comum atua como “estabilizador da consciência e mobilizador do pertencimento à comunidade” (Sodré, 2009, p. 45).

ficar, neste contexto, a luta discursiva para definir quem domina (Sodré, 2009).

É importante salientar que, ao se pensar uma nação, trava-se uma disputa ideológica entre diversas correntes sociais, cada uma com a sua ideologia. No Brasil, não foi diferente. As oligarquias perderiam seu poder com a Revolução de 1930, liderada por Getúlio Dornelles Vargas, que chegou ao governo em 3 de outubro do referido ano. Com o apoio de vários setores da sociedade, que pretendiam estabelecer uma nova visão do país, o governo Vargas encontrou uma conjuntura política e social onde se fazia necessário construir um novo pensamento do que vinha a ser brasileiro e, além disso, acomodar diferentes grupos sociais neste novo panorama.

Era preciso edificar uma identidade nacional que abarcasse diferentes pensamentos em um único, formando uma identidade legítima do que viria a ser o nacional. Seguindo o pensamento de Moscovici: era necessário tornar familiares todas essas transformações que eclodiam no país. Entretanto, a tarefa não era simples. Um dos pontos de maior antagonismo de ideias era a questão racial. As reminiscências do escravismo proporcionavam distinções agudas entre as classes sociais e raças no Brasil. Neste último quesito, observava-se, após anos de insensibilidade ao ignorar a contribuição dos escravos em nossa cultura, a presença das três raças – branco, índio e negro – como formadoras da sociedade brasileira. Tal questão dividia opiniões sobre a mestiçagem; Nina Rodrigues, Sílvio Romero e Euclides da Cunha acreditavam que o “embranquecimento” de nossa população seria a salvação para o “atraso” (Ortiz, 2012), enquanto Gilberto Freyre acreditava na mestiçagem como nossa qualidade diferencial diante dos outros povos. Sobre este embate entre diferentes ideologias, destacamos a argumentação de Ortiz:

Na verdade, a luta pela definição do que seria uma identidade autêntica é uma forma de se delimitar as fronteiras de uma política que procura se impor como legítima. Colocar a problemática dessa forma é, portanto, dizer que existe uma história da identidade e da cultura brasileira que corresponde aos interesses dos diferentes grupos sociais na sua relação com o Estado (Ortiz, 2012, p. 9).

Paralelamente a toda esta querela da construção de uma identidade nacional, uma manifestação social importante crescia de forma intensa no país. O futebol rapidamente se tornou popular, desbancando o remo como esporte preferido da população. Ao mesmo tempo em que

as fábricas se espalhavam nas cidades, o esporte trazido pelos britânicos ganhava mais praticantes. Sarmento (2013) indica a maneira com que o futebol começou a ser tratado em meados dos anos 1910 como algo relevante para o país, principalmente no sentido de promover a evolução da raça. O trecho seguinte é de um relatório da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) de 1918 e aponta a unificação do controle do esporte no Brasil como um auxiliar da diplomacia nacional: “A construção deste monumento grandioso (unificação do controle do esporte) [...] representará, sem dúvida, um passo a mais para o progresso da pátria, para a regeneração de sua raça e para os laços de amizade com as nações que lhe são vizinhas” (Sarmento, 2013, p. 18).

Todavia, não podemos afirmar que esta unificação do controle do esporte nacional com a criação da CBD tenha sido tranquila. Assim como no âmbito político, social e econômico o país vivia um momento de disputas ideológicas, no futebol não era diferente. Antes de seu reconhecimento pela FIFA, em 28 de dezembro de 1916, e até mesmo após esta data, a entidade permanecia com um embate entre paulistas e cariocas, que tentavam estabelecer uma hegemonia dentro da organização. Pereira (2000) destaca que os repetidos jogos entre as seleções paulistas e cariocas durante este período ocasionaram um aumento na já acirrada disputa entre os dois estados. No âmbito econômico e político, a imagem de São Paulo como a locomotiva que carregava o país despertava nas disputas ideológicas o desejo de simbolizar a modernidade que o país estava prestes a adentrar com o estado paulista, em contraponto a uma imagem, também construída no âmbito dos embates entre ideologias, de que a Capital Federal, o Rio de Janeiro, repleto de belezas naturais, não motivava o trabalho. Era a velocidade paulista contra uma suposta morosidade carioca. Além dessas disputas, outras questões dividiam paulistas e cariocas na disputa do poder nacional, o que resultou na Revolução Constitucionalista de 1932, quando os paulistas tentaram tomar o controle político e destituir o governo de Vargas, mas sem sucesso. Assim, os paulistas pleiteavam de forma aguda o controle do esporte nacional e também da política nacional⁶.

Em 1919, com a realização do Torneio Sul-Americano de Futebol no Brasil, o esporte afirma seu caráter popular e, conforme afirma Sarmento (2013, p. 32), o futebol se consolida como “meio de expressão das construções imaginárias acerca da identidade nacional”. Após o sucesso da competição, tanto no âmbito esportivo (o Brasil sagrou-se campeão) quanto no organizacional, artistas, políticos e intelectuais, como o escritor Coelho Neto, demonstraram-se

⁶ A ambição paulista de permanecer no governo iria ocorrer de forma clara em 1929, quando o candidato Júlio Prestes foi indicado pelo presidente Washington Luís como candidato oficial do governo, rompendo o acordo com Minas Gerais, que esperava ocupar a Presidência da República. O embate resultou no apoio mineiro à candidatura do gaúcho Getúlio Vargas, que, mesmo derrotado nas eleições, assumiu o poder após a Revolução de 1930.

favoráveis à propagação da prática esportiva como elemento de ascensão social e de construção da identidade nacional (cf. Sarmento, 2013). Franzini (2003) também destaca o fervor causado na sociedade brasileira com a competição de 1919, potencializado pela decretação de ponto facultativo pelo presidente Delfim Moreira, o que possibilitou um intenso deslocamento para o novo estádio das Laranjeiras, que recebeu um público considerável para a época⁷. O autor ainda destaca a importância dada ao esporte na afirmação de valores da raça nacional e disciplina, exaltados pela Liga de Defesa Nacional, fundada em 1926 pelo poeta Olavo Bilac. Em uma carta endereçada ao presidente da CBD, Arnaldo Guinle, a liga afirma, entre outras coisas, que “É na prática de exercícios físicos que se formam as raças fortes, capazes de vencer a concorrência formidável que existe entre os povos, e em todos os ramos pacíficos da atividade” (in Franzini, 2003, p. 35).

Tal pensamento introduz a ideia do esporte como modelador da raça nacional. O autor do gol do título, Friedenreich, tornou-se o primeiro grande ídolo do esporte nacional. Filho de um imigrante alemão e mãe brasileira negra, ele foi visto como exemplo da mestiçagem e do “embranquecimento” da nação. Todavia, sugere-se também que sua ascensão no meio futebolístico se deu, além de seu talento, graças à posição social de destaque de seu pai⁸.

Voltando ao Sul-Americano de 1919, o historiador Nicolau Sevcenko (1994) aponta esta competição como a “descoberta de uma vocação” do gosto popular por este esporte. Assim, o torneio serviu como fomento de um momento em que um esporte originário e difundido pelas elites nacionais se tornava popular, com grande apelo frente ao público, e demonstrava que tal processo era irreversível.

Mesmo com a popularização do esporte, outros embates ainda permaneciam no meio futebolístico. A questão racial e a adoção ou não do profissionalismo seriam os alvos das futuras disputas que se estenderiam às décadas de 1920 e 1930.

Futebol e mestiçagem

Com a popularidade, a prática do futebol se espalhou pelos subúrbios e pelas classes sociais menos favorecidas no país. Ganhando cada vez mais destaque

nos jornais, as equipes de futebol passaram a incorporar em seus plantéis jogadores que não pertenciam às elites. Acredita-se que o primeiro clube a aceitar negros em sua equipe foi o Bangu em 1906⁹, entretanto o Vasco da Gama foi um dos pioneiros a conquistar vitórias expressivas com jogadores negros, mulatos e operários. É importante destacar os diferentes contextos que levaram os dois clubes cariocas a aceitarem jogadores negros e mestiços. Enquanto o Bangu era formado por operários da fábrica têxtil e consequentemente havia representantes destas etnias e classes sociais no quadro de funcionários, o Vasco integrou tais jogadores baseando-se supostamente em suas qualidades como atletas. O mesmo Vasco foi também acusado de promover o “amadorismo marrom”, prática em que os bons jogadores eram empregados por sócios ou torcedores do clube em seus estabelecimentos comerciais e eram “liberados” para treinar a qualquer momento. O Vasco venceu o campeonato carioca em 1923, seu ano de estreia na primeira divisão, com jogadores que se preparavam e treinavam para as partidas, o que causou revolta dos torcedores e dirigentes de outros clubes, que entendiam o gesto como inaceitável para os padrões do esporte amador¹⁰. O debate ocasionou o rompimento de alguns clubes com a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, em 1924. Os dissidentes, entre eles Flamengo, Fluminense, Botafogo e América, fundaram uma nova liga, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), da qual o Vasco foi excluído pelo motivo de não ter um estádio de futebol adequado (cf. Franzini, 2003).

Por outro lado, a questão do profissionalismo surgiu imediatamente como uma chance de ascensão social para os jogadores. As fotos dos atletas nos jornais nacionais despertavam a ambição de jovens oriundos das classes menos favorecidas a adquirirem uma melhor condição social. No início da década de 1930, dois jovens jogadores simbolizaram todo este processo: Leônidas da Silva e Domingos da Guia.

Os dois principais jogadores da época ganharam fama nacional e demonstraram, por meio do futebol, que o negro adquiria uma importância nunca antes vista no país. Mesmo assim, os debates em torno da questão racial e do profissionalismo no futebol não se aproximavam de uma unificação do discurso¹¹. A maior prova disto foi a participação da Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1934, quando apenas jogadores amadores fo-

⁷ A partida foi tão marcante que a primeira música dedicada ao futebol foi criada por Pixinguinha e o placar do jogo foi o título do famoso chorinho: 1 x 0.

⁸ Aqui merece ser citado o artigo “Eu já fui preto e sei o que é isso” de Cesar Gordon (1996) onde o autor indica que, à medida que o negro foi ganhando espaço na sociedade por conta do futebol e de condições financeiras favoráveis, ele “embranquecia” socialmente.

⁹ A Ponte Preta de Campinas também reivindica tal pioneirismo, destacando a presença de negros em sua equipe desde a fundação, em agosto de 1900 (Associação Atlética Ponte Preta, 2013).

¹⁰ Para maior aprofundamento do estudo sobre a questão do Campeonato Carioca de 1923 e a existência de racismo nos jornais da época por conta da presença de jogadores negros na equipe do Vasco, ver Teixeira (2011).

¹¹ Em 1933, ocorreu a profissionalização do futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo, contudo alguns clubes permaneceram no amadorismo. A fusão entre os clubes amadores e profissionais só aconteceu em 1937.

ram convocados. É interessante observar que cinco atletas, entre eles Leônidas, receberam para defender o Brasil na competição e se desligaram de seus clubes, onde eram profissionais, para se tornarem “amadores”. Domingos da Guia, por exemplo, não disputou a competição por ter se transferido para o Uruguai, país que já adotava o profissionalismo e frequentemente contratava nossos jogadores que não recebiam para praticar o futebol. O Nacional do Uruguai, clube que Domingos defendia, pediu 45 contos de réis à CBD para liberar o jogador para a disputa da Copa de 1934. Por se tratar de uma quantia alta, a CBD ficou sem o zagueiro para a competição. Caldas (1990) afirma que os primeiros jogadores a deixarem o Brasil para se profissionalizar foram os irmãos Fantoni, do Atlético Mineiro.

Entre 1930 e 1932, o Brasil perdeu grande parte de seus principais jogadores para a Itália, Espanha, Uruguai e Argentina. Muitos deles excursionavam por estes países com os clubes e não voltavam mais, fazendo com que a seleção brasileira também perdesse esses craques, já que eles não eram obrigados a defender a seleção, que exigia e pegava o amadorismo.

Em meio a esta disputa no futebol, Vargas tentava alinhar os discursos opostos e dar um padrão à colcha de retalhos em que estava sendo construída a identidade nacional. Após implementar avanços nas leis trabalhistas, agradando aos sindicatos, investir como nunca se havia investido na indústria no país, agradando aos grandes empresários, e empossar um número considerável de militares em suas pastas ministeriais, agradando aos representantes dessa corrente, Getúlio caminhava para a unificação do discurso em torno do ethos nacional. Era necessário romper com a “cópia” do imaginário da metrópole; assim, elementos que atuariam como diferenciadores de nossa cultura e estabeleceriam uma distinção frente a outros povos passaram a ganhar força. O futebol, como elemento popular e de profunda mobilização social, aparece como um dos pilares desta construção. Sua principal contribuição seria para a questão racial no país, como elucidaremos a seguir.

A questão das diferentes etnias presentes no Brasil se tornou o grande desafio dos pensadores que pretendiam unificar a nação. Como, para alguns, seria possível agrupar, em uma mesma identidade, negros e brancos? Encontrar um ponto de equilíbrio se tornava imprescindível. Foi necessário, como aponta Ortiz (2012, p. 20), “sublinhar o elemento mestiço”. Assim, na busca dos intelectuais da época para compreenderem e apresentarem a condição comum a todos os brasileiros, a mestiçagem se tornou determinante.

Segundo Ianni, foi durante esses anos que se formularam as principais interpretações do Brasil Moderno. Livros fundamentais para o pensamento social brasileiro foram publicados na década de 1930. Dentre tais livros, destacamos Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre, lançado em 1933, que se coaduna com os pensamentos de que a mestiçagem era o exemplo do “antagonismo em equilíbrio” presente no Brasil, surgindo a ideia de “democracia racial” (Freyre, 2003 [1933]).¹² O livro vem para confrontar as ideias de que a causa da inviabilidade do desenvolvimento nacional era a questão racial. As ideias de Freyre teriam sofrido influência de Franz Boas¹³. Em 1922, Gilberto Freyre foi estudar nos EUA, onde foi aluno de Boas na Universidade de Columbia. A visão de Boas ao diferenciar raça de cultura contribuiu para as argumentações de Freyre. Além disso, a valorização da formação híbrida da sociedade brasileira vai ao encontro da intenção de reforçar o traço mestiço, mencionado anteriormente, e ilustra o rompimento com as teorias designadas como racistas.

O livro de Freyre redefine a mestiçagem no Brasil e se torna o ingrediente decisivo que faltava na busca pela definição da identidade nacional. Araújo (2009) explica que Freyre classifica os próprios portugueses como mestiços, por conta da formação étnica daquele país ao longo dos anos; afinal, Portugal era uma rota comercial mundial importante, tendo a presença de árabes, judeus e romanos em seu território. Para Freyre, a sociedade brasileira seria formada por um “antagonismo em equilíbrio”, isto é, o convívio harmônico entre as diferenças (cf. Araújo, 2009).

Já para Ortiz (2012, p. 42), a obra possui uma qualidade fundamental:

[...] ele (Freyre) une a todos, casa grande e senzala, sobrados e mocambos. Por isso, ele é saudado por todas as correntes políticas, da direita à esquerda. O livro possibilita a afirmação inequívoca de um povo que se debatia ainda com as ambiguidades de sua própria definição.

O processo de desenvolvimento social e econômico no país não sustentava mais a exclusão de raças do processo identitário. Uma das “provas” eram os jogadores negros que “defendiam” a nação em campos estrangeiros. Expressões culturais oriundas da população negra, como o samba, por exemplo, passam a ser definidas como nacionais. As descontinuidades com o pensamento anterior ao governo de Vargas se tornam cada vez mais intensas. Como definiu Ortiz: “[...] a construção de uma identidade nacional

¹² Outra importante obra é *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, lançado em 1936, onde o autor expõe as tensões presentes no processo de modernização no Brasil, principalmente ao sugerir a ideia de “homem cordial”.

¹³ O antropólogo Franz Boas atuou na contramão do pensamento evolucionista. Conhecido como o pai da Antropologia contemporânea, Boas foi pioneiro nas ideias de igualdade racial.

mestiça deixa ainda mais difícil o discernimento entre as fronteiras de cor” (2012, p. 43). Souza (2008) aponta a importância da obra de Freyre no contexto histórico e político da época:

Os trabalhos de Gilberto Freyre possibilitaram uma visão original dos fundamentos do povo brasileiro. Neles, o negro, o índio e o colonizador português sempre tiveram fundamental importância numa sociedade ajustada às condições do meio tropical e da economia latifundiária. A sua mensagem, de um Brasil antirracista e democrático, representou um divisor de águas no processo cultural brasileiro, influenciando a ideologia oficial do Estado Novo ao compor a figura da democracia racial (Souza, 2008, p. 187).

Neste ponto, é importante retomar o pensamento de Moscovici, principalmente ao indicar que o caráter das representações sociais é geralmente revelado em tempos de crise ou insurreição, quando um grupo e suas imagens estão passando por mudanças (cf. Moscovici, 2012). As representações sociais constroem um mundo, são meios de recriar uma realidade. Elas nascem dentro de disputas ideológicas onde o vencedor busca transmutar sua ideologia em senso comum desta sociedade e também de quem não pertence a ela, como forma de identificar e reconhecer o outro e legitimar seu discurso. Os indivíduos são impelidos a entender um mundo não familiar que começa a surgir. A sociedade brasileira passava exatamente por este processo na década de 1930.

Tais argumentações nos remetem ao termo “tradições inventadas” de Eric Hobsbawm (Hobsbawm e Ranger, 2012, p. 9). Para Hobsbawm, supostas tradições teriam sido inventadas no contexto da Revolução Industrial com o objetivo de manter a identidade social de grupos que vivenciavam rupturas severas com antigos costumes que antes constituíam as identidades sociais. A introdução de novas práticas ritualísticas, inspiradas, algumas vezes, em um passado histórico e em mitos de fundação do grupo em questão, é, então, institucionalizada para ressignificar as antigas identidades.

Assim, partimos da ideia de que é possível estabelecer um diálogo entre as definições de “tradições inventadas” e “representações sociais”, ambas atuando como costuras na construção de uma ideologia dominante no país naquela época, construindo, assim, uma identidade nacional.

Após intensas disputas, a ideologia do governo, focada na presença positiva das três raças como formadoras de nossa sociedade, foi construída de forma destacada e com triunfo sobre as demais teorias. Entretanto, faltava cristalizar essa imagem abstrata da mestiçagem; neste sentido, o futebol surge como concretizador e exemplo deste pensamento.

A Copa de 1938 e o *Football Mulato*

Getúlio já havia percebido o poder mobilizador do futebol em 1932, quando, após a conquista da Copa Rio Branco naquele ano, os jogadores que venceram o Uruguai por 2 a 1, em Montevideo, foram recebidos como heróis na Capital Federal, sendo saudados pelo presidente no balcão do Palácio do Catete. Outro exemplo se deu na Copa do Mundo de 1934. Antes do embarque dos jogadores, Vargas os recebeu no Palácio Guanabara e, em seu discurso, afirmou que a missão deles não era somente de caráter esportivo, e sim de um desempenho cívico em prol da representação nacional (cf. Franzini, 2003, p. 67). Assim, a construção da ideologia do trabalho promovida pelo governo Vargas logo iria atuar no esporte mais popular do Brasil.

O momento político e cultural do Brasil instigava o trabalhador assalariado: “As leis trabalhistas são de harmonia social” – como afirmava o próprio Getúlio. Tanto que, em 1º de maio de 1938, o presidente anunciou a lei do salário mínimo (no estádio de São Januário), trazendo o povo cada vez mais para seu lado. “O trabalho é o maior fator de elevação da dignidade humana. Ninguém pode viver sem trabalhar e o operário não pode viver ganhando apenas o indispensável para não morrer de fome! (Muito bem! Aplausos prolongados)” (*A Noite Sportiva*, 1938). As leis trabalhistas vêm para legitimar esse pensamento que claramente, como indica Ortiz, substitui as “qualidades” de preguiça e indolência, associadas à raça mestiça. Portanto, numa atitude que visava controlar, disciplinar e sindicalizar os jogadores para o que já se enxergava como grande manifestação popular da época, passou-se a ter jogadores profissionais, culminando com a criação, em 1941, do Conselho Nacional do Desporto. Ribeiro (2003) expõe a influência da mestiçagem na consolidação do profissionalismo no futebol:

Apesar da resistência de alguns segmentos mais conservadores, o crescimento da ideologia da construção de uma identidade de povo e de nação, fundada no imaginário do mulato, colabora para a profissionalização. A influência negra e indígena, que no início do século era considerada a negação na identidade Brasil, é agora vista como o fundamento de uma ideologia nacional, a brasilidade. Aliás, uma cultura política que não ficou restrita ao período Vargas (1930 a 1945), mas que perpetrou também a fase nacional-populista subsequente (Ribeiro, 2003).

A solidificação do discurso governista atingiu seu ápice com a implantação do Estado Novo em 1937. Por

meio do futebol, Getúlio iria tentar unificar o país, e a disputa da Copa do Mundo de 1938 surgiu como uma oportunidade apropriada para tal. Conforme Sarmiento (2013) bem definiu, o esporte se tornou uma expressão importante das massas urbanas, mobilizando-as de forma considerável, sendo usado como um elemento decisivo e eficaz na propaganda do governo. Assim, a legitimidade de uma identidade nacional teve no futebol um valioso estímulo de ligação do que viria a ser o nacional. O governo assumiu o controle da CBD com a presença de Luís Aranha, irmão do ministro Oswaldo Aranha. Desta feita, Vargas reduziu as disputas políticas internas na administração da seleção e esta foi a primeira vez que se formou uma seleção do país com os melhores atletas, reforçando a ideia de que finalmente o Brasil seria representado sem restrições entre amadores e profissionais, como foi em 1934, ou paulistas e cariocas, como em 1930. “Não há dúvida, porém, que só agora o Brasil mandou ao certame mundial a seleção que reflete a verdadeira expressão do seu football” (*A Noite Sportiva*, 1938, p. 7). Vargas indicou sua filha Alzira Vargas como madrinha da seleção e acreditava que “quando perde a seleção, perde o país”. Tal frase¹⁴ nos remete, mais uma vez, ao inglês Hobsbawm (1990) ao propor que o esporte é um meio privilegiado de difusão e reforço de sentimentos nacionalistas, uma vez que permite a identificação fácil, rápida e imediata entre os atletas representantes da nação e seus torcedores. O êxito nas primeiras partidas recheava os jornais brasileiros de patriotismo, e pela primeira vez o país parava para acompanhar a Copa do Mundo. Getúlio acreditava que o time sairia campeão dessa Copa e que isso seria fundamental para concretizar sua política de nacionalização. Vargas apostava em craques como Domingos da Guia e Leônidas da Silva para voltar da França com a taça.

Da madrinha da seleção Alzira Vargas, passando pelo embaixador brasileiro na França, por todas as autoridades públicas que doaram dinheiro para a delegação, além dos empresários, das atividades econômicas privadas, nacionais ou estrangeiras, chegando ao mais simples torcedor. A nação, unida, mostrava-se de prontidão, atenta para enfrentar os inimigos que viessem pela frente; a unidade nacional, construída a partir do futebol, revelava a força do Brasil, que manifestava-se apontando a total falta de temor diante de inimigos tão fortes (Negreiros, 1998, p. 49).

No dia 17 de junho de 1938, Gilberto Freyre publicava, em sua coluna no jornal *Diários Associados* de Pernambuco, um texto que se torna emblemático na construção

da mestiçagem ao nosso futebol e, conseqüentemente, à nossa brasilidade. Intitulado *Football Mulato*, Freyre diz que o sucesso de nossa equipe está justamente na mistura étnica presente nos jogadores convocados. Além disso, Freyre estabelece uma distinção do nosso estilo de jogo com os dos europeus.

[...] uma das condições de nosso triunfo, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. [...] O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha que foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despiamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (Freyre, 1938, p. 4).

Se faltava um exemplo que atingisse a população de maneira simples e direta para definir a mestiçagem como algo nacional, o sucesso da equipe na Copa de 1938, a intensidade com que os brasileiros acompanharam a competição e o texto de Freyre amalgamaram este pensamento de forma decisiva.

Seguindo o pensamento de Moscovici, apontamos que neste momento o futebol surge como uma representação do povo brasileiro. Para Moscovici (2012), a representação social é um sistema de valores, práticas e ideias com uma dupla função. A primeira é instaurar

[...] uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (Moscovici, 2012, p. 21).

Deste modo, a nação não seria apenas uma entidade política, mas algo que produziria sentidos, um sistema

¹⁴ Indicamos a frase como um embrião da expressão definida pelo dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues: Pátria de Chuteiras.

de representação cultural. As pessoas participavam da ideia de nação de forma que a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade.

Guterman (2009) também aponta a Copa do Mundo de 1938 como um marco para a definição do futebol enquanto identidade nacional, uma espécie de mito de origem do “nosso” suposto estilo:

O ano de 1938 é assim o marco histórico, se precisamos de um, da descoberta do Brasil como o “país do futebol”, unido de modo nacional à noção de brasilidade emanada de sua seleção em campos estrangeiros, jogando com características próprias e que, com o tempo, se tornariam indissociáveis da própria definição que o brasileiro faria de si mesmo (Guterman, 2009, p. 84).

O Brasil terminou na terceira colocação, e Leônidas, artilheiro da competição com oito gols, foi exaltado pelos jornais europeus como o “diamante negro” e o “homem borracha”. Pereira e Lovisolo (2014, p. 44) afirmam, no artigo “1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro”, que Leônidas “ganhou notoriedade mundial durante a Copa da França por causa de seu poder de improvisação, que passaria a caracterizar o futebol brasileiro”. Os jornais franceses abordaram da seguinte forma o estilo de jogo de nossos atletas: “[...] os brasileiros são perfeitos artistas com a bola nos pés. Dribles não são segredos para eles. Seus movimentos são ágeis e sua sutileza é notável. Um time formidável” (Todas as Copas, 2010, p. 33).

Ao seguir as definições de Stuart Hall sobre a construção de identidades na Modernidade, partiremos da ideia de que a identidade também se forma na visão dos outros. Tal argumentação indica que, através da opinião não só dos jornais franceses, mas dos europeus, formou-se um estereótipo do nosso estilo de jogo agregado ao que seria definido e classificado como tipicamente nacional. Ainda com base no pensamento de Hall, é importante ressaltar que estabelecer a fronteira entre “nós” e “eles” foi fundamental para a formação dos estados nacionais latino-americanos¹⁵. Dessa forma, o futebol seria um terreno fértil para a produção de significados, símbolos e representações do que é “ser brasileiro”.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós

mesmos. As culturas nacionais ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades (Hall, 2011, p. 51).

No artigo “A imprensa e a memória do futebol brasileiro”, Soares *et al.* (2007) indicam que, ao se produzirem sentidos sobre o brasileiro, o futebol teve um papel-chave, ao construir estereótipos relacionados ao jogo que ultrapassavam a esfera esportiva e marcavam a sociedade brasileira. Os autores ainda sugerem o artigo *Football Mulato* de Freyre como o “embrião” do futebol-arte, principalmente ao apresentar as características que vão defini-lo como tipicamente nacional.

No futebol brasileiro, a idealização do estilo de jogo do futebol-arte, representação que permanece muito forte até os dias atuais quando se refere à seleção brasileira, tem seu embrião em um artigo do intelectual Gilberto Freyre, escrito para o Jornal Diários Associados de Pernambuco durante a Copa do Mundo de 1938 na França. “Foot-ball mulato” atribui características dionisíacas ao estilo de jogo brasileiro que estariam diretamente relacionadas aos elementos culturais de um povo miscigenado. Criatividade, espontaneidade, malemolência seriam atributos do futebol brasileiro, oriundos da mistura das raças que formariam a Nação (Soares et al., 2007, p. 5).

Segundo Gordon (1996), a presença do negro neste esporte fez com que se acreditasse que as qualidades do futebol brasileiro fossem oriundas de “predisposições raciais”, tais como malícia, ginga e musicalidade. Para Soares e Lovisolo (2003), a imagem do que se determinou chamar de “estilo brasileiro de futebol” são a alegria, o improviso, os dribles, as firulas e serviu para a construção dos sentimentos de pertencimento a uma nação miscigenada. Dessa forma, a miscigenação se tornaria elemento principal de nossa singularidade, e o futebol passaria a ser visto como sintetizador de nossa cultura.

Através da miscigenação, o estilo brasileiro (beautiful game) é narrado como um modo singular de uso do corpo, uma técnica corporal, interpretada ora como socializada culturalmente (MAUSS, 1974), ora como um produto da miscigenação racial, na versão da fábula das três raças, segundo a qual o cultural se confunde com a expressão biológica (Bartholo e Soares, 2011, p. 53).

Ao falar sobre o estilo de jogo brasileiro na Copa de 1938 e a visão de Freyre, Bernardo Buarque de Hollanda

279

¹⁵ Helal e Cabo (2014) também nos apontam que nossos países vizinhos trilharam um caminho recheado de semelhanças e congruências com a nossa edificação de uma identidade nacional através do futebol. Percebe-se que a construção do futebol como identidade nacional, principalmente para designar uma diferenciação ao modelo europeu é visto tanto no Brasil, como em nossos países vizinhos, Argentina e Uruguai. Dessa forma, o estilo de jogo sul-americano confrontaria o estilo europeu de jogo.

indica que “ao moldar o esporte bretão ao jeito típico de jogar do mulato, o brasileiro privilegiou a qualidade individual em detrimento da organização coletiva. A diferença baseada na habilidade e na surpresa seria a chave decifrador do sucesso brasileiro em partidas internacionais” (Hollanda, 2004, p. 62). Hollanda ainda nos aponta que, nas notas do livro *Sociologia* (1943), Freyre contrapõe o futebol-arte brasileiro ao futebol científico europeu. Já Soares e Lovisolo (2003, p. 130) argumentam que a repetição dessas narrativas iria refletir o desejo histórico de afirmação de uma identidade nacional, marcada por tensões entre os ideais civilizatórios e a afirmação da autenticidade cultural.

O futebol-arte vai ser defendido como algo tipicamente nacional, em contraste ao modelo europeu, denominado futebol força. Fatores como samba, ginga e jogo de cintura¹⁶ serão incorporados ao estilo de jogo, tornando-se cada vez mais uma tradição nacional. Não jogar o futebol-arte seria negar a nossa brasilidade. O antropólogo Roberto DaMatta traz importantes contribuições para a questão:

Futebol-força exprime um estilo onde a ênfase no treino consequentemente na racionalidade é maior e mais intensa. Já a ideia do futebol-arte fala de carisma, de sorte, de malandragem, de jogo-de-cintura, de beleza e de sedução carnavalizante. De um lado há a ideia ocidental do exercício como base de tudo; doutro, a ideia reprimida pelo Ocidente capitalista, liberal e burguês, de um mundo encantado, onde os deuses existem e falam com os homens (DaMatta, 1995, p. 7).

Ao lançar em 1978 o livro *Carnavais, malandros e heróis*, DaMatta trouxe para a academia assuntos até então abordados como menos importantes e, para alguns, alienantes das massas. O antropólogo foi um dos pioneiros nos estudos culturais brasileiros e o primeiro a tratar o futebol não como “ópio do povo”, e sim como importante elemento de nossa identidade. De acordo com DaMatta (1995), a construção da identidade brasileira se deu a partir de instituições secundárias, como carnaval, samba, religiosidade e futebol, já que a estrutura política e social não permitia a expressão e a mobilidade do indivíduo, à diferença de países europeus e dos Estados Unidos, cujas identidades nacionais foram construídas tendo por base, por exemplo, seus sistemas universitários e o parlamento, e não as esferas do lazer e do esporte.

Após delinear e apresentar observações de autores sobre o estilo de jogo nacional durante a Copa de 1938,

tomamos como pressuposto que o código para nomear e classificar, sem ambiguidades, o que se tornaria a representação do futebol brasileiro começa a se constituir durante esta competição. A ideia do *football mulato* de Freyre também recebe a alcunha de futebol-arte, que ficou amplamente ligado à maneira de jogar do brasileiro. Ao classificarmos e darmos nomes, temos como objetivo “facilitar as interpretações de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, formar opiniões” (Moscovici, 2012, p. 70).

Dessa forma, a classificação pressupõe uma posição definitiva, baseada no consenso de que aquele nome vai definir tal objeto. Mais do que isso, ao darmos nome a algo, o tornamos familiar. Ao seguir esta linha de pensamento, tornam-se compreensíveis a definição e a classificação do estilo de futebol nacional baseadas em características raciais, principalmente na mestiçagem; afinal, “ao nomear algo, nós o libertamos de um anonimato perturbador, para dotá-lo de uma genealogia e para incluí-lo em um complexo de palavras específicas, para localizá-lo, de fato, na matriz de identidade de nossa cultura” (Moscovici, 2012, p. 66). No nosso caso, o estilo de jogo terá uma classificação que se tornou comum na sociedade até se transformar em um consenso, por, principalmente, englobar os aspectos pertinentes ao contexto histórico da época, conforme apresentamos.

Outro ponto definido por Moscovici (2012) é que, ao se estabelecer um senso comum, ou seja, generalizar algum fato, diminuem-se claras distâncias entre os opostos. Ao definirmos o futebol brasileiro como arte, encurta-se a enorme distância dos grandes jogadores para os medianos e até os mediocres. Ao se homogeneizar, estendemos uma característica a todos aqueles que supostamente pertenceriam ao grupo. A seleção brasileira será sempre exemplo do futebol-arte? Sabemos que não, porém, tal senso comum se torna tão enraizado, que encontramos nas narrativas um dever quase cívico de exercermos nosso suposto estilo diferenciado de praticar o futebol.

Entretanto, é necessário entender que tal produção do senso comum é algo habitual na sociedade. Conforme argumenta Moscovici (2012, p. 48), “existe uma necessidade contínua de se re-construir o ‘senso comum’ ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar”. Logo, os paradigmas e consensos sociais se tornam pontos em que a sociedade se sente “em casa”, reconhece o discurso como algo familiar e já classificado, portanto entendido, salvo de qualquer risco ou conflito. Indo mais além: “[...] tudo que é dito ou feito ali apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do

¹⁶ Os termos “ginga” e “jogo de cintura” são de difícil definição; este fato torna tais adjetivos subjetivos, podendo ser anexados a uma gama maior de atividades, movimentos e exemplos.

que contradiz, a tradição. Espera-se que sempre aconteçam, sempre de novo, as mesmas situações, gestos, ideias” (Moscovici, 2012, p. 54-55). Sugerimos, baseados nesses argumentos, o desejo, da imprensa e da opinião pública, da seleção nacional sempre praticar o estilo de jogo no qual ela foi enquadrada, tonificando a “tradição” e nossa identidade. Depois que o senso comum é definido, jogar um futebol diferente do “futebol-arte” causa uma anormalidade, sendo incomum e não familiar.

Tais paradigmas ou núcleos figurativos foram aceitos tanto na sociedade quanto no meio acadêmico. Na primeira, por ser uma concretização do pensamento de que a miscigenação era nosso diferencial positivo, e não negativo. O meio acadêmico, por sua vez, concedeu seu consentimento muito influenciado pelo legado intelectual de Freyre.

A partir desse momento, conforme elucida Moscovici (2012), torna-se

[...] fácil falar sobre tudo o que se relacione com esse paradigma e devido a essa facilidade as palavras que se referem ao paradigma são usadas mais frequentemente. Surgem, então, fórmulas e clichês que o sintetizam e imagens, que eram antes distintas, aglomeram-se ao seu redor. Não somente se fala dele, mas ele passa a ser usado, em várias situações sociais, como um meio de compreender outros e a si mesmo, de escolher e decidir (Moscovici, 2012, p. 73).

Por conseguinte, a partir da classificação, constroem-se modelos daquela representação. Neste caso, Leônidas¹⁷ surge como exemplo do futebol-arte, malabarista e dionisíaco, e será o fio condutor de tais representações. Destarte, no momento em que surgirem jogadores com estilo semelhante ao dele, será atribuída a tais jogadores a mesma importância de Leônidas. Contudo, é importante ressaltar que tais construções identitárias e representações são articuladas e remontadas ao longo do tempo, redefinindo modelos que simbolizariam a definição do futebol brasileiro e alimentando o imaginário de sermos o único praticante deste estilo de jogo. Acreditamos que tais afirmativas ganharam força na sociedade porque, além das características descritas anteriormente, o Brasil possui jogadores excepcionais. A imagem construída, por exemplo, por Pelé e Garrincha

ao longo de suas carreiras, principalmente com o bicampeonato conquistado pela seleção brasileira em 1958 e 1962, contribuiu para a consolidação dessa narrativa. Os dois funcionaram como propagadores (oradores) deste discurso, segundo o qual apenas o brasileiro praticaria o chamado “jogo bonito”¹⁸. Consequentemente, com o passar do tempo, outros jogadores brasileiros foram adquirindo esta alcunha de “representante autêntico do verdadeiro futebol nacional”, carregando o *ethos*¹⁹ e sendo aceitos como representantes “de uma classe em que o primeiro é definido através de aproximação, ou da coincidência com o último” (Moscovici, 2012, p. 64). Partimos do princípio de que os clichês – “somos o país do futebol” e “só o brasileiro joga assim” – são frequentemente abordados ao se tentar estabelecer diferenças frente a outras nações e em momentos onde o reforço de nossa pertença coletiva a uma nação se faz necessário.

Considerações finais

O embate entre ideologias que pretendiam definir o que viria a ser “o nacional”, iniciado de forma mais robusta nos anos 1930, partiu da ideia hegemônica da miscigenação como algo positivo, tendo o futebol como o exemplo mais fulgurante desta ideologia. As representações sociais, usadas para tornar familiar uma ideia que não o era, construíram estereótipos do que viria a ser o futebol-arte, proporcionando um conhecimento mais simples, direto e imediato do sentido que esta expressão representa.

Dentre os fatores que demarcam o que seria o futebol-arte, destacamos: improviso, intensidade, ofensividade, dribles, floreios com a bola e jogadas inesperadas. Todavia, neste artigo o que mais nos interessou foi a questão racial que envolve tal estilo. Pela primeira vez, uma expressão popular intensamente vivida pelos brasileiros via na miscigenação racial um suposto sucesso da “nação”. A Copa de 1938 foi emblemática nesta construção. Após a Copa do Mundo de 1958, contudo, observamos que os principais jogadores da seleção, Garrincha e Pelé, ajudaram a moldar este estilo, atuando como exemplos evidentes desta miscigenação como algo positivo sob a ótica esportiva, o que contribuiu para que se consolidasse de maneira intensa tal ideologia sobre o que representaria o futebol-arte e, consequentemente, o que seria nossa identidade.

¹⁷ Tais identidades e representações são sempre construções coletivas. Souza (2008) pondera que pelos ideais difundidos pelo Estado Novo de Getúlio: disciplina, dedicação e trabalho, o grande nome de nosso futebol deveria ser Domingos da Guia. Domingos era um zagueiro técnico, comportado fora dos campos, mais próximo de um modelo apolíneo de ídolo, enquanto Leônidas se aproximava muito mais do modelo dionisíaco, com suas conturbadas relações e atitudes polêmicas fora dos gramados. Os dois foram importantes, mas Leônidas solidificou-se como “o exemplo” de nosso futebol-arte e ídolo nacional, mostrando que as identidades não são impostas e sim construídas.

¹⁸ Para detalhar este argumento, trago a seguinte afirmação de Fiorin (2013): “Essa imagem do orador, do enunciador, será chamada *ethos* por Aristóteles. *Ethos* é o caráter do orador, não o caráter real, mais uma imagem de seu caráter, de suas qualidades caracterológicas, criadas no discurso” (Fiorin, 2013, p. 69).

¹⁹ *Ethos* será entendido na concepção de Aristóteles: “[...] é o *ethos* (caráter) que leva à persuasão, quando o discurso é organizado de tal maneira que o orador inspira confiança. [...] é preciso que essa confiança seja resultado da força do discurso e não de uma prevenção favorável a respeito do orador”. Portanto, ao termos, ao longo dos anos, jogadores (oradores) acima da média, o discurso se torna favorável, confiável e forte.

Deste modo, a miscigenação, antes exótica e negativa, torna-se familiar com o exemplo do futebol, já que o motivo de nosso suposto talento ao praticar este esporte é creditado à mestiçagem.

Referências

- A NOITE SPORTIVA. 1938. Rio de Janeiro, 10 jun., p. 5.
- ARAÚJO, R.B. 2009. Chuvas de verão: "antagonismos em equilíbrio" em Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre. In: A. BOTELHO; L. SCHWARCZ (orgs.), *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo, Companhia das Letras, p. 198-211.
- ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PONTE PRETA. 2013. Dia da Consciência Negra: Ponte Preta é a primeira democracia racial no futebol do Brasil. Disponível em: <http://pontepreta.com.br/noticias-detalle/dia-da-consciencia-negra-ponte-primeira-democracia-racial-do-brasil>. Acesso em: 22/08/2015.
- BARTHOLO, T.L.; SOARES, A.J.G. 2011. Mané Garrincha como síntese da identidade do futebol brasileiro. In: R. HELAL; A.J.G. SOARES; H. LOVISOLO (orgs.), *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro, EdUERJ, p. 53-76.
- CALDAS, W. 1990. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo, Ibrasa, 234 p.
- DAMATTA, R. 1995. Brasil: futebol tetracampeão do mundo. *Pesquisa de Campo*, 1:7.
- FIORIN, J.L. 2013. Organização Linguística do Discurso: Enunciação e Comunicação. In: R. FIGARO (org.), *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo, Contexto, p. 45-78.
- FRANZINI, F. 2003. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro, DP&A, 95 p.
- FREYRE, G. 1938. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*. Recife, 17 jun., p. 4.
- FREYRE, G. 2003. *Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. Recife, Global Editora, 725 p.
- GORDON, C. 1996. Eu já fui preto e sei o que é isso: história dos negros no futebol brasileiro (segundo tempo). *Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ*, 3-4:65-78.
- GUTERMAN, M. 2009. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo, Contexto, 270 p.
- HALL, S. 2011. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 102 p.
- HELAL, R.; CABO, A. 2014. Copas do Mundo e identidade nacional: um panorama teórico. In: R. HELAL; A. CABO (orgs.), *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro, EdUERJ, p. 13-35.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. 2012. *Invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 437 p.
- HOBSBAWM, E. 1990. *Nação e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 230 p.
- HOLANDA, S. B. 1936. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olímpio Editora, 220 p.
- HOLLANDA, B.B.B. 2004. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 328 p.
- IANNI, O. 1990. A ideia de Brasil Moderno. *Revista Interdisciplinar de Cultura*, 1:19-38.
- MOSCOVICI, S. 2012. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 9ª ed., Petrópolis, Vozes, 404 p.
- NEGREIROS, P.J.L.C. 1998. *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 341 p.
- ORTIZ, R. 2012. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo, Brasiliense, 148 p.
- PEREIRA, C.A.; LOVISOLO, H. 2014. 1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro. In: R. HELAL; A. CABO (orgs.), *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro, EdUERJ, p. 37-56.
- PEREIRA, L.A.M. 2000. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 374 p.
- RIBEIRO, L.C. 2003. Brasil: futebol e identidade nacional. *efideportes.com*, 8(56). Disponível em: <http://www.efideportes.com/efd56/futebol.htm>. Acesso em: 20/03/2010.
- SARMENTO, C.E.B. 2013. *A construção da nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 146 p.
- SEVCENKO, N. 1994. Futebol, metrópoles e desastinos. *Revista da USP*, 22:30-37. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p30-37>
- SOARES, A.J.G.; BARTHOLO, T.L.; SALVADOR, M.S. 2007. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7(3):368-376.
- SOARES, A.J.G.; LOVISOLO, H. 2003. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 25(1):129-143.
- SODRÉ, M. 2009. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, Vozes, 287 p.
- SOUZA, D.A. 2008. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo, Annablume, 220 p.
- TEIXEIRA, J.P.V. 2010. 1923: investigação sobre a existência de racismo no noticiário esportivo carioca. *Revista Contemporânea*, 8(2):28-42. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/contemporanea/article/view/790>. Acesso em: 26/01/2016.
- TODAS AS COPAS: de 1930 a 2006. 2010. São Paulo, Lance Editora, 303 p.

Submetido: 20/01/2015

Aceito: 09/10/2015

Errata: o nome do autor Fausto Picorelli Montanha Amaro foi corrigido para Fausto Amaro nas páginas 272, 282 e cabeçalhos.

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rua São Francisco Xavier, 524
20550-013, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Ronaldo George Helal
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rua São Francisco Xavier, 524, bloco F, sala 10129
20550-013, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Fausto Amaro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rua São Francisco Xavier, 524
20550-013, Rio de Janeiro, RJ, Brasil